



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 27/03/2015 a 02/04/2015

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Fabiani Schemmer²
Andressa Schiavo³

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UFSM, especialista em controladoria e gestão empresarial pela UNIJUI.

³ Estudante do Curso de Economia da UNIJUI – Bolsista PET-Economia.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
27/03/2015	9,67	321,40	30,60	5,07	3,91
30/03/2015	9,67	323,20	30,49	5,30	3,94
31/03/2015	9,73	326,80	30,39	5,11	3,76
01/04/2015	9,89	331,90	30,69	5,28	3,81
02/04/2015	9,86	327,30	31,04	5,36	3,86
Média	9,76	326,12	30,64	5,22	3,86

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais* (compra e venda)
no mercado de lotes brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	67,95	0,50
RS - Santa Rosa	67,45	0,54
RS - Ijuí	67,95	0,53
PR - Cascavel	65,20	-0,53
MT - Rondonópolis	62,30	1,80
MS - Ponta Porá	60,75	0,16
GO - Rio Verde (CIF)	63,86	-0,53
BA - Barreiras (CIF)	63,00	-1,10
MILHO		
Argentina (FOB)**	170,00	1,67
Paraguai (FOB)**	128,40	-1,23
Paraguai (CIF)**	168,00	0,54
RS - Erechim	28,00	1,08
SC - Chapecó	28,75	0,00
PR - Cascavel	26,00	0,19
PR - Maringá	25,75	0,98
MT - Rondonópolis	19,50	0,00
MS - Dourados	23,75	-1,04
SP - Mogiana	27,00	-0,92
SP - Campinas (CIF)	29,29	0,21
GO - Goiânia	26,75	0,75
MG - Uberlândia	28,89	-0,03
TRIGO		
RS - Carazinho	587,00	10,75
RS - Santa Rosa	587,00	10,75
PR - Maringá	734,00	12,92
PR - Cascavel	708,00	10,63

*Período entre 27/03/2015 a 02/04/2015

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 02/04/2015**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	23,65	63,94	26,00

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
02/04/2015**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	35,69
Feijão (saco 60 Kg)	143,89
Sorgo (saco 60 Kg)	20,30
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,28
Leite (litro) cota- consumo (valor líquido)	0,78
Boi gordo (Kg vivo)*	4,80

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND: Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago, que haviam recuado nos dias anteriores ao relatório de intenção de plantio nos EUA, anunciado neste último dia 31/03, subiram um pouco após o anúncio do mesmo. Assim, o fechamento desta quinta-feira (02) ficou em US\$ 9,86/bushel, após US\$ 9,89 na véspera e US\$ 9,74 uma semana antes. A média de março, por sua vez, ficou em US\$ 9,78/bushel, contra US\$ 14,20 na média de março de 2014. Ou seja, em termos médios, em 12 meses (março a março) a soja perdeu 31,1% de seu valor em Chicago.

Quanto ao relatório, o mesmo não justifica a reação altista, embora esta tenha sido muito mais em razão de ajustes técnicos naturais após as vendas das semanas anteriores. Isso porque a área a ser semeada com soja nos EUA deverá aumentar em 1,1% em relação ao ano passado, chegando a 34,2 milhões de hectares. Tal número, todavia, ficou abaixo do aumento médio esperado pelo mercado, fato que poderia estar na origem dos aumentos pós-anúncio do relatório (analistas privados antecipavam até 34,8 milhões de hectares a serem semeados). Entretanto, tal área, em clima normal, deverá gerar novamente uma safra ao redor de 108 milhões de toneladas, recorde colhido no último ano. Ou seja, uma oferta enorme com forte viés baixista. O relatório de área efetivamente semeada sai apenas no último dia útil de junho.

Por sua vez, mesmo que o mercado esperasse mais, os estoques trimestrais de soja nos EUA, na posição 1º de março de 2015, subiram 34% em relação ao mesmo período de 2014.

Esse conjunto de informações deixa a pressagiar que as cotações em Chicago, também agora pressionadas pela colheita sul-americana, não têm espaço para grandes recuperações de preços. Ao contrário, por enquanto o quadro fundamental continua baixista para a oleaginosa no médio e longo prazo.

Todavia, no curto prazo, outros dois elementos ajudaram a dar sustentabilidade às cotações: o aumento dos preços do petróleo no mercado mundial e o enfraquecimento do dólar. Mas isso é uma situação conjuntural, que se modifica quase que diariamente.

Dito isso, daqui em diante o clima nos EUA e o desenvolvimento da colheita sul-americana é que definirão o comportamento das cotações em Chicago.

Enquanto isso, na Argentina, a colheita chegou a 4% da área no final de março, com o volume final a ser colhido sendo estimada entre 57 e 58 milhões de toneladas pelo governo local.

Já os prêmios no Brasil, diante da pressão da colheita, voltaram a recuar nos portos, girando entre 35 a 85 centavos de dólar por bushel, para abril. Nos EUA o Golfo do México registrou valores entre 70 e 75 centavos, enquanto em Rosário (Argentina) o valor ficou entre 15 e 75 centavos de dólar por bushel.

Aqui no Brasil, com o dólar recuando novamente para níveis ao redor de R\$ 3,15 mais para o final da semana, mais curta devido aos feriados de Páscoa, o preço da soja cedeu um pouco. A média gaúcha no balcão até se manteve, ficando em R\$ 63,94/saco, porém, os lotes recuaram, registrando valores entre R\$ 66,50 e R\$

67,00/saco no interior. Já nas demais praças nacionais os lotes ficaram entre R\$ 57,50/saco em Sapezal (MT), R\$ 57,00/saco em São Gabriel e Chapadão do Sul, ambos em Mato Grosso do Sul, até R\$ 65,00/saco no norte e centro do Paraná.

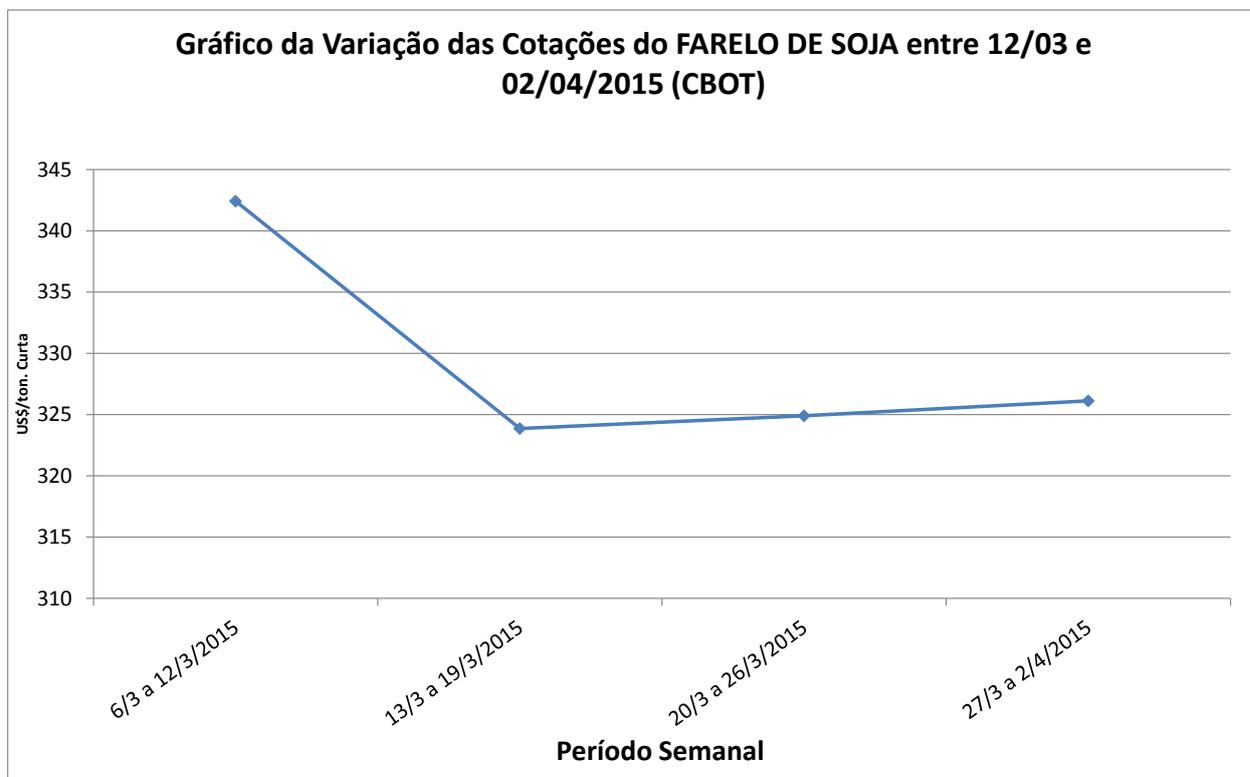
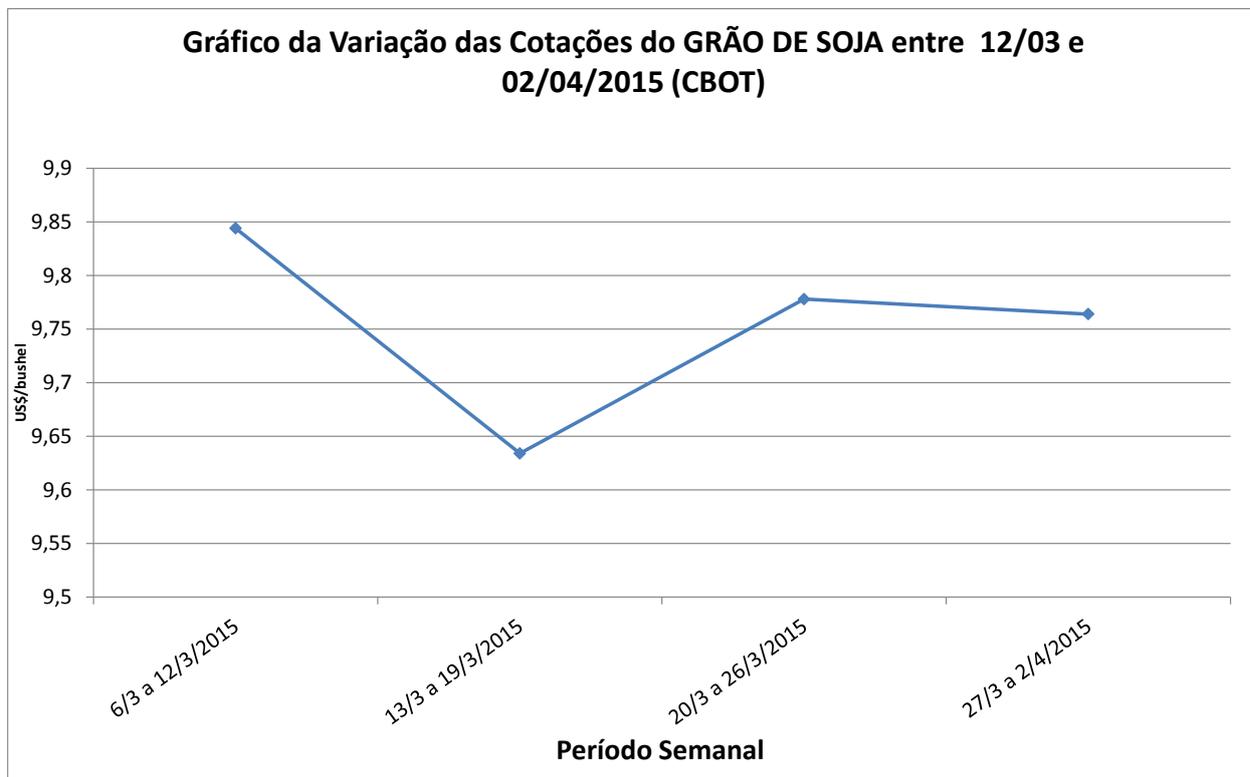
A colheita brasileira avança, estando praticamente concluída no Centro-Oeste. No total do país a mesma atinge a 60%, sendo que, apesar de o Rio Grande do Sul talvez colher uma safra menor do que o esperado, e a produtividade estar mais baixa no Mato Grosso (o rendimento médio, segundo o IMEA, chega hoje a 52,3 sacos/hectare), o número nacional continua sendo estimado entre 91 e 96 milhões de toneladas dependendo da fonte. Ou seja, uma produção recorde! Mas será preciso esperar o final da colheita nacional, pois muitas regiões apresentam surpresas negativas.

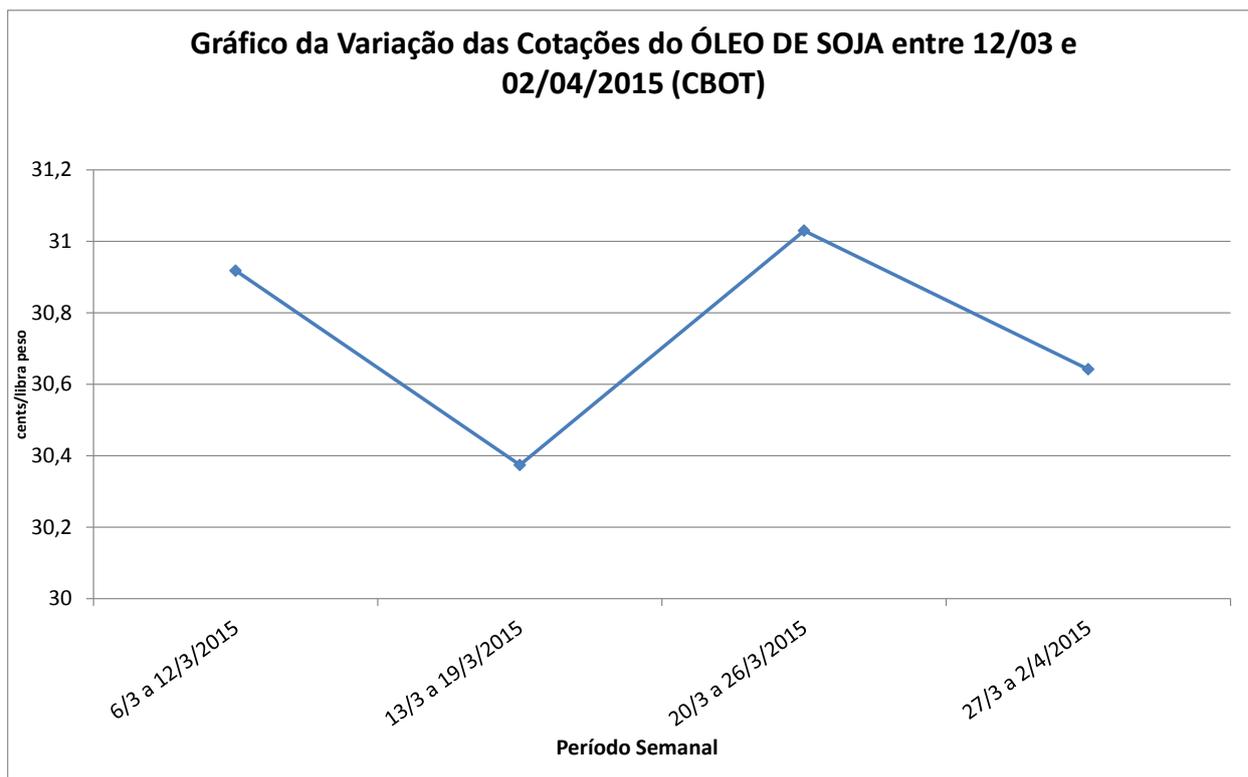
No próximo dia 10/04 a CONAB informa mais um relatório de safra, devendo o mesmo atualizar as estimativas de colheita de soja e milho, além de outros produtos.

No Rio Grande do Sul, com 40% da área colhida até o final de março, a produtividade está muito irregular, com rendimentos variando entre 35 e 82 sacos/hectare segundo testemunhos de produtores em diferentes localidades. Em média, espera-se uma produtividade de 50 sacos/hectare. Isso poderá garantir um volume final colhido ao redor de 14 milhões de toneladas, porém, o bom senso exige que se espere um pouco mais para que tal número se confirme. Pelo sim ou pelo não, diante de tal produtividade, em relação ao esperado inicialmente, o volume recorde, se vier, será obra particularmente do aumento da área semeada.

Enfim, atenção ao resultado líquido da safra, pois os custos estão altíssimos, embora ainda esta safra tenha sido feita a custos menores do que os atuais. No Mato Grosso, por exemplo, estudos do IMEA dão conta de que o custo total, incluindo o frete para o porto de escoamento do produto, bate ao redor de 52 sacos por hectare, ou seja, empatando com a atual produtividade. Somente o custo do frete leva 30% de um saco de soja, ou seja, 20 quilos de um total de 60 quilos. E o quadro é de piora para 2016 diante do atual câmbio praticado no Brasil e da total falta de infraestrutura que continuamos a ter.

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 27/03 a 02/04/2015.





MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago fecharam a quinta-feira (02) em recuo em relação a semana anterior, apesar de o relatório de intenção de plantio ter acusado uma redução de 2% na área do cereal em relação a 2014. O bushel de milho ficou em US\$ 3,86, após US\$ 3,91 uma semana antes. A média de março/15 chegou a US\$ 3,83/bushel, contra US\$ 4,82 um ano antes. Em 12 meses o bushel de milho perdeu 20,5% de seu valor em Chicago.

A área a ser semeada nos EUA está estimada em 36,1 milhões de hectares. Na verdade o mercado esperava uma redução maior de área. Por sua vez, os estoques trimestrais, na posição 1º de março de 2015, somavam 196,7 milhões de toneladas, ou seja, 11% acima do registrado em igual momento de 2014.

Dito isso, as exportações de milho por parte dos EUA, na semana anterior, chegaram a 435.000 toneladas. Ao mesmo tempo, a meteorologia estadunidense continua prevendo uma primeira quinzena de abril ainda muito fria e chuvosa em grande parte do Meio-Oeste dos EUA, podendo atrasar o plantio do milho.

Enquanto isso, na América do Sul, a tonelada FOB de milho na Argentina e no Paraguai voltou a recuar com valores respectivos em US\$ 169,00 e US\$ 126,00 para o mês de abril.

Aqui no Brasil, os preços se mantiveram estáveis. O balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 23,65/saco, enquanto os lotes registraram valores entre R\$ 27,00 e R\$ 27,50/saco. Nas demais praças nacionais, os lotes ficaram entre R\$ 16,50/saco em Sapezal e Sorriso, no Mato Grosso, e R\$ 29,00/saco nas regiões catarinenses de Videira e Concórdia.

Na BM&F o contrato para maio teria encontrado alguma estabilização, ficando na dependência da retomada da colheita em São Paulo e do interesse de venda do produtor. As chuvas neste Estado durante a semana que passou manteve a colheita lenta.

Por outro lado, na medida em que Chicago se concentra no clima dos EUA e o início do plantio da nova safra, e no Brasil o câmbio não assume uma definição mais firme, os preços do milho continuarão apresentando volatilidade junto aos preços externos nos portos de embarque.

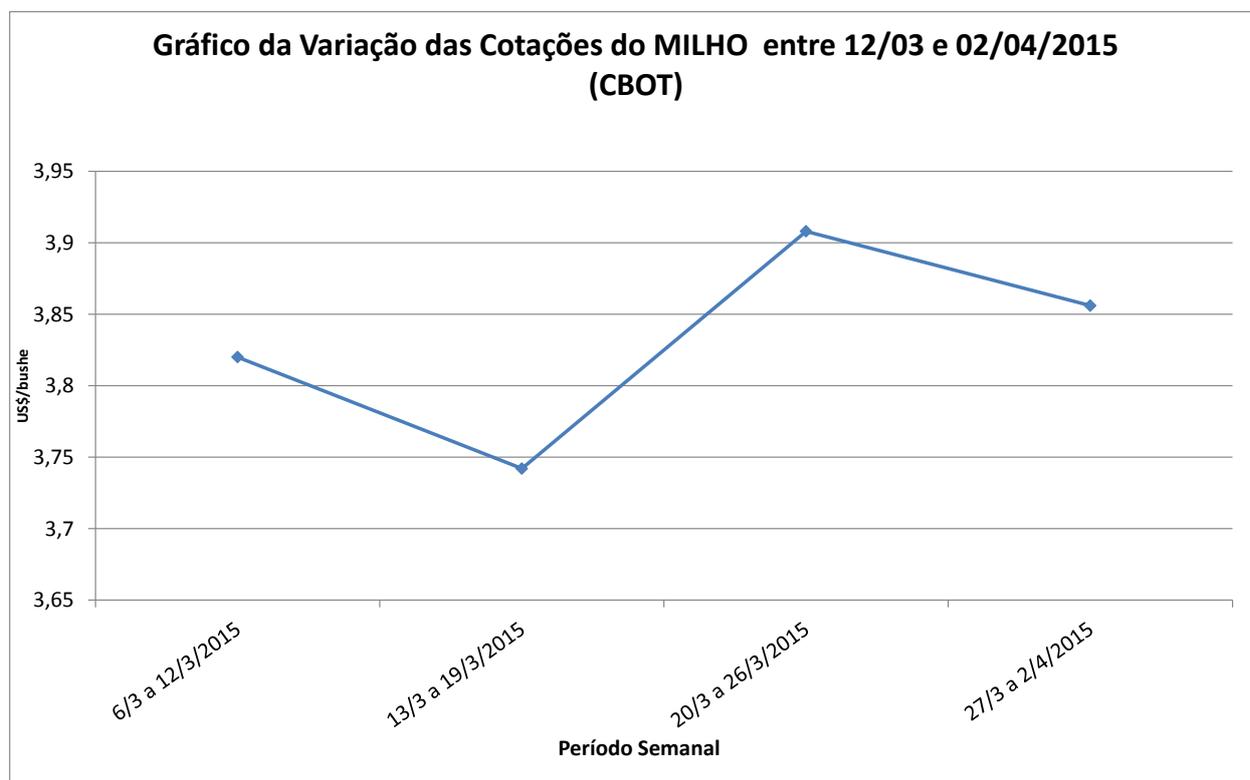
Nesse sentido, vale destacar que o mês de março fechou com um total exportado de 675.400 toneladas de milho por parte do Brasil, sendo que o maior volume foi de produto gaúcho.

Por sua vez, no mercado físico paulista os preços estabilizaram diante de poucos negócios e de fretes mais caros. Contou, no final da semana, para segurar os preços do cereal no mercado brasileiro o recuo do dólar, com o Real chegando a R\$ 3,14 novamente. Vale destacar que a paridade “normal” para o câmbio seria ao redor de R\$ 2,90 no momento.

No Rio Grande do Sul, a atual safra de milho já está com 70% da área colhida, contra 60% em igual momento do ano passado.

Enfim, a semana terminou com a importação, no CIF indústrias brasileiras, valendo R\$ 44,43/saco para o produto dos EUA e R\$ 41,11 para o produto argentino, ambos para abril. Já para maio o produto argentino ficou em R\$ 43,00/saco. Na exportação, o transferido via Paranaguá, atingiu os seguintes valores: R\$ 29,53/saco para abril; R\$ 29,43 para maio; R\$ 28,79 para junho; R\$ 29,63 para julho; R\$ 29,70 para agosto; R\$ 30,13 para setembro; R\$ 30,86/saco para novembro e dezembro.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 27/03 a 02/04/2015.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago voltaram a disparar neste início de abril, após o relatório de intenção de plantio dos EUA. O fechamento do dia 02/04 bateu em US\$ 5,36/bushel, valor que não era visto desde meados de janeiro passado. Uma semana antes o fechamento havia sido de US\$ 4,99/bushel. A média do mês de março atingiu a US\$ 5,08/bushel, contra US\$ 6,78 em março de 2014. Ou seja, em 12 meses, em termos médios, o bushel de trigo cedeu 25%.

O plantio total de trigo nos EUA ficou em 22,4 milhões de hectares, com recuo de 3% em relação a área de 2014 (o mercado esperava uma área de 22,6 milhões de hectares). Já os estoques trimestrais, na posição de 1º de março, registraram um aumento de 6% sobre o mesmo período de 2014, atingindo a 30,5 milhões de toneladas.

Dito isso, as vendas líquidas estadunidenses de trigo, na semana encerrada em 19/03, ficaram em 102.300 toneladas para o ano comercial 2014/15. Tal volume é 75% abaixo da média das quatro semanas anteriores. Para 2015/16 o total exportado ficou em 79.400 toneladas. Enquanto isso, as inspeções de exportação estadunidenses de trigo registraram um volume de 322.016 toneladas na semana encerrada em 26/03. No acumulado do ano comercial 2014/15, iniciado em junho de 2014, o volume total soma 44,3 milhões de toneladas, contra 40,2 milhões em igual período do ano comercial anterior.

Aqui no Mercosul, a tonelada FOB de trigo nos portos argentinos oscilou entre US\$ 200,00 e US\$ 231,00. A greve geral ocorrida em parte desta última semana freou bastante os negócios no vizinho país. Além disso, há ameaças de novas greves nas próximas semanas por parte dos estivadores junto aos portos argentinos. Tomando o preço de US\$ 231,00/tonelada como referência, o produto argentino chegaria CIF moinhos paulistas, ao câmbio de hoje, em R\$ 947,00/tonelada. Isso coloca a paridade de importação em R\$ 840,00/tonelada no interior do Paraná e R\$ 791,00/tonelada no interior gaúcho.

Já no mercado brasileiro, o balcão gaúcho subiu um pouco, confirmando a tendência anunciada, fechando a semana em R\$ 26,00/saco. Enquanto isso, os lotes ficaram em R\$ 600,00/tonelada ou R\$ 36,00/saco. O produto da safra gaúcha de 2013, com PH entre 76 e 77, tem alcançado R\$ 620,00/tonelada (R\$ 37,20/saco), enquanto o produto com PH 78 atinge R\$ 650,00/tonelada (R\$ 39,00/saco). No Paraná, os lotes fecharam a semana entre R\$ 700,00 e R\$ 730,00/tonelada ou R\$ 42,00 e R\$ 43,80/saco.

Na prática o mês de março registrou a característica de um mercado nacional bem estocado, porém, com as indústrias apresentando um bom interesse de compra diante da desvalorização do Real, que encareceu o produto externo, tornando iminente um aumento nos preços internos.

Nesse contexto, o mês de abril se iniciou com a expectativa de que tal movimento continue. Estima-se que ainda existam entre 20% a 30% da produção do Paraná para ser vendida. Já no Rio Grande do Sul o quadro é diferente na medida em que houve forte quebra em volume e qualidade na última safra. Assim, nesse Estado os negócios foram apenas pontuais nestas últimas semanas, especialmente em torno de produto da safra velha (2013).

Paralelamente, existe grande preocupação com o aumento dos custos de produção devido à forte desvalorização do Real, fato que estamos alertando há tempos. Agora alguns números surgem no cenário. No Paraná, os mesmos devem subir 18% para a nova safra de trigo. No Rio Grande do Sul, segundo a Farsul, ainda em fevereiro o produtor precisaria receber R\$ 44,95/saco apenas para cobrir apenas o custo variável projetado para 2015. Ora, diante dos preços praticados e de tal estimativa de custos variáveis, tudo indica que haverá uma redução na futura área a ser semeada com o cereal. Dito de outra forma, nesta tendência de custos, a produtividade do produtor gaúcho deveria alcançar 74 sacos/hectare caso os preços permaneçam nos atuais níveis. Algo praticamente impossível se considerarmos que a média gaúcha é de 41 sacos/hectare segundo o IBGE.

Pelo sim ou pelo não, o fato é que, de agora em diante, existe espaço para novas altas dos preços internos do trigo, especialmente se, além da desvalorização do Real, os preços em Chicago continuarem mais firmes.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 27/03 a 02/04/2015.

